

Os (Des) Caminhos da Leitura Literária na Escola

The (Des) Paths of Literary Reading in School

Degmar Francisco dos Anjos^a; Epaminondas de Matos Magalhães^{ab*}

^aInstituto Federal de Mato Grosso, MT, Brasil

^bPontifícia Universidade Católica, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, Brasil

*E-mail: epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br

Resumo

Este artigo se propõe a discutir as dificuldades encontradas pelos alunos no concernente ao acesso e à leitura de textos literários na escola, bem como as falácias do trabalho com o texto em sala de aula. Aponta, também, o papel do professor dentro do processo de mediação entre leitor-aluno e texto literário e algumas estratégias metodológicas, partindo das Orientações Curriculares Nacionais (2006), que podem, efetivamente, propiciar um trabalho efetivo com o texto literário em sala de aula e formar e desenvolver a competência leitora.

Palavras-chave: Leitura. Texto Literário. Professor

Abstract

This article aims to discuss the difficulties encountered by students with regard to accessing and reading of literary texts in school, as well as the fallacies of working with text in the classroom. Also discussed are the role of the teacher in the process of mediating between reader and student literary text and some methodological strategies, based on the National Curriculum Guidelines (2006), which can, effectively, provide an effective work with the literary text in room classroom and train and develop the reading competence.

Keywords: Reading. Literary Text. Teacher.

1 Introdução

Para iniciarmos nossas discussões sobre leitura e escola tomaremos como ponto de partida o poema Biblioteca verde, de Carlos Drummond de Andrade, que destaca a emoção do menino ao encontrar-se de posse dos livros da Biblioteca de Obras Célebres. Vejamos o poema:

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde. Sou
o mais rico menino destas redondezas.
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
Ninguém mais aqui possui a coleção
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal
de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.
Agora quero ver figuras. Todas.
Templo de Tebas. Osiris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua... Nossa
Senhora, tem disso nos livros?
Depressa, as letras. Careço ler tudo.
A mãe se queixa: Não dorme este menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
Espermacete cai na cama, queima
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
essa Biblioteca antes que eu pegue fogo
na casa. Vai dormir menino, antes que eu perca
a paciência e te dê uma sova. Dorme,
filhinho meu, tão doído, tão fraquinho.
Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo

meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?
Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

Assim, o poema nos revela que ler um livro, até certo ponto, obedece a um ritual: o menino apalpa o livro; abre as páginas e o fecha novamente; vê às figuras e deixa a leitura para o dia seguinte, o livro, portanto, passa a ter uma natureza tátil e carnal. Poderíamos, aqui, fazer um paralelo entre o poema e a personagem- menina- do conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, que diante da obra Reinações de Narizinho, faz o mesmo processo, amadurece, tornando-se outro sujeito. A leitura em ambos os textos - Biblioteca Verde e Felicidade Clandestina – transformam o indivíduo e suas experiências.

2 Desenvolvimento

2.1 Leitura e leitor: ainda desconhecidos?

A leitura exerce papel importante sobre o indivíduo, uma vez que lhe possibilita sair de si, desse universo, tornando-se outro. A leitura, em especial, a leitura literária, nos permite, de certa forma, conhecer a si próprio, aos outros e ao mundo

que nos cerca. Nesse aspecto, as mentiras ficcionais, sempre revelam uma verdade sobre nós e nossas relações. Lhosa (2007, p.16), ao falar da novela, não como gênero em si, mas como forma literária, destaca que

en efecto, las novelas mienten - no pueden hacer otra cosa - pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse encubierta, disfrazada de lo que no es.

A leitura nos desloca, nos move, assim como move nossas verdades. Na obra *Alice nos país das maravilhas*, de Carroll, a personagem Alice indaga o coelho sobre quanto tempo dura o eterno e a resposta do coelho é categórica: “às vezes dura menos que um segundo”. Tal resposta nos serve para pensar que a leitura nos transforma, nos desloca, pois as nossas experiências, pela leitura, vão se alterando a cada página lida.

Ler é viajar, ultrapassar fronteiras, assim como a personagem Lúcia, da obra *As crônicas de Nárnia*, de Lewis, ao se deparar com um guarda-roupa, quando ela e seus irmãos estão explorando a mansão do professor, depois de serem encaminhados a casa de um professor, em meio a segunda guerra mundial, para que não sofressem os efeitos da guerra que assolava Londres. Ao entrarem em um quarto, os quatro: Lúcia, Suzana, Edmundo e Pedro, veem o imenso guarda-roupa, contudo, para Suzana, Edmundo e Pedro, ali nada havia a ser explorado, somente Lúcia, a menor de todos, decide ficar e iniciar sua exploração sozinha.

Para ela, valia a pena abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afagassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa (LEWIS, 2009, p.105).

À medida que Lúcia avançava, um mundo novo, Nárnia, se descortinava. A leitura é esse enorme guarda-roupa, onde nos deparamos sempre com universos mágicos, de significados e ressignificados, onde podemos vivenciar experiências múltiplas. Lúcia não fecha a porta desse guarda-roupa, usando essa passagem como metáfora da leitura, podemos dizer que não podemos nos fechar em nossos sentidos, como se fossem imutáveis, pois cada leitura, será sempre uma nova leitura. Cada descoberta, nunca se fecha em si.

A escola constitui-se como espaço privilegiado para consolidação das competências leitoras. Contudo, a última pesquisa realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro e divulgada em março de 2012, intitulada *Retratos da Leitura no Brasil (2011)* revelou que temos cinquenta por cento de não leitores, fato que nos preocupa, pois como afirma Pszczol (2008) a leitura, além de meio de acesso à informação, promove diálogos, aumenta a capacidade de abstração e de formulação de ideias, propicia fruição estética e apura a sensibilidade.

Ainda para Pszczol (2008), a construção de uma sociedade leitora requerer o convívio constante com livros e leitores. Nesse sentido, somos categóricos em afirmar que o contato, desde os primeiros anos com o universo dos livros e da leitura, propiciará na criança o gosto pela leitura. Portanto, o ato de formar leitores pressupõe, não somente o diálogo na e com a escola, mas, também, com a família, que passa a ser (ou não) a primeira mediadora de leitura. Antes de mais nada, todo e qualquer mediador de leitura, sejam eles os pais ou professores, precisam ser leitores, precisam compreender a importância da leitura.

Sabemos que a escola, mesmo sendo a formadora de leitores por excelência, não possui uma quantidade de livros, em suas bibliotecas, as poucas que possuem esse espaço. Assim, construir um espaço efetivamente leitor, requer uma força tarefa de todos os agentes envolvidos: a família, como primeira mediadora de leitura, que, em muitos casos, dispense altos valores na aquisição de brinquedos, mas não faz aquisição de livros; os professores, como segundo mediadores e o próprio Estado, como fomentador dos espaços de leitura, dentro das escolas.

Ainda em se tratando dos problemas, no concernente à leitura na escola, somos levados a refletir sobre os problemas metodológicos, pois ainda encontramos um quadro nas escolas, cuja visão de leitura se filia às análises mecanicistas de interpretação de textos, em que as proposições aos alunos caminham na contramão ao sentido de leitura, pois questionar os alunos sobre: “quem são os personagens?”, “quantos versos tem o poema?” etc, não significa um trabalho de leitura. Com tais perguntas, o sentido de leitura não se expande, não se possibilita ao aluno ultrapassar os casacos que escondem ou dificultam encontrar um outro universo, como o feito pela personagem Lúcia, de *As crônicas de Nárnia*. É importante que a escola não promova o apagamento do aluno-leitor.

Zilberman (2003), em suas reflexões sobre leitura, nos leva a pensar a leitura como um jogo de futebol, quanto mais se treina, melhor se joga, quanto mais se lê, mais o mundo se descortina, mais crítico esse sujeito se torna. Não ler, hoje, significa ficar de fora do mundo, estar alheio ao que nos cerca.

A leitura, em especial, a leitura literária, pressupõe o ensino de literatura, ou seja, pressupõe compreendermos para que serve a literatura para, de certa forma, compreendermos qual o papel da leitura literária em sala de aula.

Segundo as Orientações Curriculares Nacionais – OCN (2006):

O ensino de Literatura (e das outras artes) visa, sobretudo, ao cumprimento do Inciso III (aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (LDBEN, 1996)) dos objetivos estabelecidos para o ensino médio pela referida lei (BRASIL, 2006, p.53).

O que percebemos é que a leitura literária é aquela que leva o aluno a refletir sobre si, sobre o mundo e suas relações. Trabalhar com a leitura literária significa levar o texto

literário para sala de aula, não sobrecarregando a aula com datas e eventos históricos da literatura, mas, efetivamente, ler em sala de aula. É preciso que o aluno tenha contato com o texto, não apenas com fragmentos, que ocupam a maioria dos livros didáticos. À leitura literária deve propiciar o efeito de estranhamento que o texto possui, ampliando, correspondendo o frustrando os horizontes de expectativas.

Ainda segundo a OCN (2006) “quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será” (BRASIL, 2006, p.60).

As Orientações Curriculares Nacionais (2006) apresentam três tendências metodológicas que seguem o percurso inverso para consolidação da prática efetiva de leitura literária na escola, que ainda habitam o universo da *práxi* de alguns professores.

- a) substituição da Literatura difícil por uma Literatura considerada mais digerível; b) simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos; c) substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos (BRASIL, 2006, p.64).

As OCN (BRASIL, 2006) apontam como uma das possíveis soluções para a falácia da formação leitora, pela escola, primeiramente, que o professor seja um mediador de leitura formado, ou seja, que ele leia, que tenha livros, que faça uso da leitura como fonte de conhecimento de si e do mundo; segundo, que a escola trabalhe com o texto literário e não apenas fragmentos; terceiro, que se perceba os interesses de leitura dos jovens. Portanto, a escola precisa repensar suas práticas leitoras. É preciso compreender que o leitor atua como coautor do texto, pois ele recebe do texto determinados conhecimentos, mas, também, constrói novos significados aos textos, preenchendo suas lacunas. Ler, portanto, significa um processo interativo entre leitor, texto e seus múltiplos sentidos.

Para Eco (2003, p.12):

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto.

A escola e os mediadores de leitura, professores e pais, precisam entender a leitura como um bem incompreensível, como nos afirma Cândido (2005), pois para o autor, bens incompreensíveis são aqueles que suprem nossas necessidades físicas e espiritual. A leitura literária seria aquela que supre nossa necessidade intelectual.

A leitura literária precisa ser sedutora e não obrigatória e

enfadonha. Mas, diante disso, somos levados a nos questionar: por que ler textos literários na escola? Qual o propósito dessa leitura? Para essa resposta recorreremos a Cândido (1995), ao afirmar que ler literatura é adquirir conhecimentos, auxilia nas reflexões sobre o mundo que nos cerca e, indo além, nas próprias palavras do autor

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. É um processo humanizador, que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CÂNDIDO, 1995, p.249).

A leitura literária nos injeta a cota de humanidade, auxilia na formação humana e nos faz compreender os comportamentos sociais, nossas representações e identidade. A literatura fornece a base cultural para vida.

Assim, a leitura literária é fulcral para o desenvolvimento do senso crítico-reflexivo do aluno, contudo, o que vemos é uma falácia na formação de leitores. Nesse sentido, somos indagados aos motivos dessa falácia.

Integrada ao currículo escolar, a literatura não podia perder sua força educativa; mas a natureza dessa foi alterada. O tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho linguístico (SILVA, 2008, p.20).

Ainda segundo Silva (2008, p.55) “ao didatizar as produções literárias e sua leitura, de acordo com determinados princípios pedagógicos (aliás, também políticos), a escola dificulta, impossibilita ou até mesmo destrói o potencial educativo inerente à leitura da literatura”.

Grande parcela do desinteresse pela leitura literária do aluno se deve as metodologias utilizadas pelo docente em sala de aula, pelas escolhas dos textos, muitas vezes distantes do universo temático do público adolescente.

Portanto, antes de se trabalhar com a leitura literária, o professor, enquanto mediador de leitura, deveria se questionar: quais os interesses de leitura dos alunos; esse professor é leitor? pois não se forma aquilo que não se é.

Silva (2008) afirma que as famílias mandam suas crianças para a escola para que aprendam a ler e leiam para aprender, isto é, querem que a criança torne-se capaz de compreender os diferentes tipos de texto que existem em sociedade, ou seja, a grande parte das famílias não formam leitores porque não são leitores e buscam na instituição escola esse auxílio, mas que nem sempre obtém resultados satisfatórios. Assim, a escola precisa ser formadora de leitura, o que pressupõe que seus agentes sejam leitores.

A escola não tem mais o desafio de simplesmente ensinar a ler, mas, também, de propiciar o gosto pela leitura. É preciso que os sentidos do porquê ler e o que ler estejam muito claros dentro do processo de leitura em sala de aula.

Para Prado e Condini (1999, p.86), o desenvolvimento da

capacidade de ler depende, em grande medida, do sentido que a leitura tem para as pessoas, do ponto de vista de quem lê:

É assim que acontece fora da escola: lemos para solucionar problemas práticos, para nos informar, para nos divertir, para estudar, para escrever ou revisar o próprio texto. Certos textos lemos por partes, buscando a informação necessária, outros exaustivamente e várias vezes, outros rapidamente, outros vagarosamente. Às vezes controlamos atentamente a compreensão, voltando atrás para checar nosso entendimento; outras seguimos adiante sem dificuldade, entregues apenas ao prazer de ler; outras realizamos um grande esforço intelectual e, a despeito disso, continuamos lendo sem parar [...].

A escola não conseguirá formar leitores se continuar repetindo práticas ultrapassadas. A criança, jovem e adulto têm direito a essas experiências de leitura também na escola. Isso requer um trabalho pedagógico, criteriosamente planejado, não só com a diversidade de textos, mas com a diversidade de objetivos e formas de ler.

É preciso que a escola promova o prazer da leitura do texto literário. “O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu” (BARTHES, 1987 p.28).

Segundo o autor o texto é um espaço raro da linguagem, do qual está ausente toda “cena”. O texto não é nunca um “diálogo”: não há risco nenhum de fingimento, de agressão, de chantagem, nenhuma rivalidade, deixa entrever a verdade escandalosa da fruição (BARTHES, 1987).

De acordo com Rocco (1999) a leitura nos proporciona um prazer, contudo esse prazer só decorre de um trabalho intelectual árduo. É um trabalho de corpo-a-corpo entre o aluno-leitor e o texto, pois entram em contato as experiências desse sujeito com os valores estéticos do texto. Nesse contato, o professor é uma das figuras centrais, pois funciona como mediador do encontro entre o leitor e o texto, auxiliando o aluno em suas leituras. Ler um texto é como nos depararmos com um grande mar, cujas possibilidades de sentidos precisam de um auxílio, dado a grandeza e beleza que podem suscitar, bem como os efeitos de estranhamento. No texto, A função da arte, de Eduardo Galeano, nos serve perfeitamente, como metáfora desse processo.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,

gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1989).

Cabe ao professor ser esse mediador, auxiliar a olhar, mas jamais olhar pelo aluno-leitor. A leitura literária bem desenvolvida pela escola/professor gera também fora da escola ligações entre indivíduos e sua divulgação.

O professor pode fomentar o gosto pela leitura ou promover o processo inverso. Segundo Silva (2008) o dilema da educação literária, que deveria ser promovida na escola, está na impossibilidade de eliminação do mediador que faz a ponte entre os estudantes e os livros: o professor. Quantos escritores gostariam de ver boa parcela do professorado no fundo do inferno, de ver a maioria dos autores de livros didáticos no purgatório e de ver as suas obras fora e longe dos muros escolares.

3 Conclusão

É preciso que o professor não seja um policial da leitura, que impõe sobre o aluno a leitura, mas que seja, pelo próprio ato de ler sedutor, capaz de instigar o aluno à leitura. A formação do leitor se dá na liberdade de escolha, sem obrigatoriedade. A leitura literária deve ser trabalhada sem os amalgamas das escolas literárias, mas que seja evocada na espontaneidade, que proporcione a inquietação, o questionamento e a reflexão.

Referências

- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRASIL. OCN - Orientações Curriculares para o Ensino Médio. *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2006.
- CANDIDO, A. *O direito à literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GALEANO, E. *O livro dos abraços*. São Paulo: LPM, 1989
- LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PRADO, J.; CONDINI, P. (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- PSZCZOL, E. O papel do PROLER em uma política nacional de leitura. In: SILVA, E.T. (Org.). *Leitura na escola*. São Paulo: Global/ALB, 2008, p.11-32.
- ROCCO, M.T.F. *Literatura/Ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola*. São Paulo: Global: ALB - Associação de Leitura do Brasil, 2008.